



EDITOR, EDITAR: ALGUMAS REFLEXÕES

Bruno Guimarães Martins

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.
Pesquisador FAPEMIG – Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais
brunomartins@ufmg.br

Márcio Souza Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ.
Bolsista Prociência UERJ/ FAPERJ – Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro.
marcio.souza.goncalves@gmail.com

Sandra Reimão

Universidade de São Paulo, USP
Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.
sandrareimao@usp.br

O termo editar abrange significados relativos ao ato de tornar público, de colocar em circulação em uma sociedade, uma obra, livro, folheto, revista, mapa, através da impressão em papel por alguma modalidade de reprodução gráfica. A partir do século XX, a ideia de edição passou a abranger também outros suportes materiais da comunicação, como discos, CDs, DVDs, páginas da internet, etc.

No *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*, as autoras Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão afirmam que se pode caracterizar o editor como o agente social que realiza o ato de produzir e difundir uma publicação, ou seja, editor é “a pessoa física ou moral, singular ou coletiva, que assume a iniciativa e a responsabilidade pela produção, divulgação e difusão de uma publicação” (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 271).

Roger Chartier ao descrever a função de editar livros destaca o caráter coletivo deste trabalho e também a responsabilidade social pelos processos seletivos que orientam a publicação de uma obra. Assim, para Chartier, o editor pode ser caracterizado como “o coordenador de todas as possíveis seleções que levam um texto a se transformar em livro, e tal livro em mercadoria intelectual, e esta mercadoria intelectual em um objeto difundido, recebido e lido” (CHARTIER, 2001, p. 48).

Em um artigo denominado “O texto entre o autor e o editor”, publicado no livro *A aventura do livro do leitor ao navegador*, Roger Chartier volta a explicitar questões relativas ao uso do termo editor. Chartier explicita como, de meados do século XIX até os dias de hoje, utiliza-se o termo editor para designar “uma profissão de natureza intelectual e comercial que



visa buscar textos [...] controlar o processo que vai da impressão da obra até sua distribuição” (CHARTIER, 1998, p.50). Após esta caracterização, Chartier destaca que neste recorte de tempo, não é necessário que o editor possua uma gráfica, nem uma livraria, ambos os fatos podem ocorrer mas não são definidores da ação de um editor. Por fim, na continuação do texto acima citado, Chartier destaca que, nos tempos presentes, o editor é “um empreendedor singular que se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em pé de igualdade com a dos autores”; esta proximidade autor-editor, anota Chartier, é a fonte de “suas relações frequentemente difíceis e tensas” (CHARTIER, 1998, p.53).

Em um artigo clássico denominado “O que é a história do livro?” publicado pela primeira vez no Brasil, em 1990, na coletânea de artigos *O Beijo de Lamourette* e republicado em 2010 no volume *A questão dos livros*, Robert Darnton busca construir um modelo geral para descrever como os livros surgem e se difundem nas sociedades, a partir do século XV. Em que pese o fato de haver grandes diferenças entre diferentes épocas e culturas, segundo Darnton, enquanto modelo pode-se dizer que a atividade de produzir livros impressos passa sempre pelo mesmo ciclo de vida. Para o historiador, o ciclo de vida de produção de um livro se inicia nas figuras do autor e do editor, e se encerra na figura do leitor, passando pelo impressor, distribuidor e vendedor. Darnton destaca como o estudo de cada uma destas seis partes do ciclo de vida de produção de um livro só adquire seu significado completo quando relacionado com todo o processo (cf.: DARNTON, 1990, p.112 e DARNTON, 2010, p.194).

Darnton destaca ainda que, ao longo do tempo e do espaço, o ciclo de vida de produção e difusão de livros impressos tem especificidades e também há variações “em todas as suas relações com outros sistemas – econômicos, sociais, políticos e culturais – no ambiente que o cerca” (DARNTON, 2010, p.194).

A edição de livros no Brasil iniciou-se no século XIX com a chegada, em 1808, da Família Real Portuguesa na cidade do Rio de Janeiro e a consequente abertura da Imprensa Régia que foi criada para imprimir os papéis diplomáticos e administrativos. Ao iniciar suas atividades de edição no Brasil a Imprensa Régia estava submetida aos mesmos mecanismos de censura vigentes em Portugal e em todas suas colônias além-mar.

Em abril de 1821, Dom João VI e a Família Real voltaram para Portugal; Dom Pedro I ficou no Brasil na qualidade de Príncipe Regente. Em 28 de agosto do mesmo ano, Dom Pedro I



estabeleceu por decreto o fim da censura prévia e restringiu as atividades dos censores, estabelecendo um marco para o início da liberdade de imprensa no Brasil. A partir da década de 1820 começam a chegar ao Brasil, estrangeiros, especialmente franceses e portugueses que iniciaram nossa indústria editorial.

Em 2021, data da publicação do segundo volume do dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais” pela revista *Animus*, comemoram-se 213 anos de existência da indústria editorial brasileira. Os números da produção de livros no Brasil são expressivos: segundo dados da Câmara Brasileira do Livro, CBL, publicados no relatório *Produção e Vendas do setor editorial brasileiro*, no ano de 2018 [data mais recente com dados consolidados], foram publicados no Brasil mais de 46 mil títulos de livros (sendo 32 mil reimpressões) e mais de 350 milhões de exemplares.

Dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais” (v. 2)

Este número especial da revista *Animus* apresenta a segunda parte do dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais”. São oito artigos que, em continuidade com os trabalhos publicados no número anterior, visam traçar um panorama dos principais traços da atividade editorial na contemporaneidade e refletir sobre seu futuro.

O presente volume se inicia com três estudos que se centram na figura do editor: “Editoras Pallas, Corrupio e Mazza: Pioneirismo e publicação negra no Brasil”, de Ana Elisa Ribeiro em parceria com Maria do Rosário Alves Pereira; “Cartas de recusa de um editor escritor: a correspondência editorial de Italo Calvino”, de Isabel Siqueira Travancas e Cláudia Regina Fonseca Lemos e “Editores de suplementos culturais e a intelectualidade: seleção, legitimação e classificação na produção do *Caderno de Sábado do Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981)”, de Everton Cardoso.

As editoras Pallas, Corrupio e Mazza foram fundadas entre os anos 1970 e início de 1980 e são voltadas à publicação de autores e autoras negros/as africanos/as e afrodescendentes. O estudo de Ana Elisa Ribeiro e Maria do Rosário Alves Pereira em torno destas casas editoriais destaca o fato destas editoras serem conduzidas por mulheres, em sua maioria, negras. As decisões e ações editoriais dos agentes responsáveis pelas publicações das editoras Pallas, Corrupio e Mazza nos remetem à ideia de editores que deixam sua obra grafada através da construção dos catálogos de suas casas editoriais - ideia esta desenvolvida por Roberto Calasso no livro *A marca do editor* (CALASSO, 2020).



Enquanto trabalhava na editora Einaudi, Italo Calvino, um dos autores mais importantes da Itália no século XX, redigiu diversas cartas de recusa de originais enviados por autores que buscavam a publicação. Algumas dessas cartas constituem o conjunto material que permite a reflexão sobre edição no artigo de autoria de Isabel Siqueira Travancas e Cláudia Regina Fonseca Lemos. A análise das cartas, feita à luz a obra de Calvino *Seis propostas para o próximo milênio*, mostra como elas sintetizam a visão do escritor sobre literatura.

O artigo “Editores de suplementos culturais e a intelectualidade: seleção, legitimação e classificação na produção do *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981)”, de autoria de Everton Cardoso, aborda o rico universo dos suplementos culturais da imprensa diária. Sendo os suplementos culturais dos jornais um local privilegiado de cobertura informativa e construção de juízos avaliativos sobre a produção cultural em uma determinada época e local, existe então, nestes cadernos, no que tange a livros um encontro entre dois fazeres editoriais: o editor do suplemento gerencia matérias sobre a produção de outros agentes culturais, inclusive editores de livros. No caso específico analisado por Everton Cardoso, são enfocadas as ações dos editores jornalistas Paulo Fontoura Gastal e Osvaldo Goidanich no suplemento *Caderno de Sábado* entre os anos de 1967 e 1981 e suas relações com os agentes e as instituições culturais relevantes na cena local.

O que é um texto sem editor? O que é o nome que aparece na primeira página de um manuscrito mas não do mesmo texto em sua versão impressa? Quanto da atividade editorial e de divulgação existe na criação de um autor-escritor figura pública? Questões como estas são discutidas por Marília de Araújo Barcelos em seu artigo ao abordar o campo editorial através do filme *The words* de B. Klugman e L. Sternthal (2012), cujo enredo apresenta um caso de plágio envolvendo vários autores e que leva a consagração do autor errado.

Os impactos culturais propiciados a partir da circulação de uma produção impressa são analisados no artigo “Retrato da ciência amazônica: Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi”, no qual as pesquisadoras Guaciara Freitas e Elaynia Cristina Vicente Ono discutem como, entre os anos 1894 a 1914, a publicação do Boletim teve um papel fundamental na consolidação de um circuito comunicativo na Amazônia.

O universo das imagens é antagônico ao mundo dos textos? E o universo da fala e dos corpos é a antítese do universo do impresso? A primeira questão é abordada por Vera Lúcia Follain de Figueiredo e Marina Burdman da Fontoura no artigo “Práticas de leitura e centralidade das imagens” que discute mudanças ocorridas nas práticas de leitura com a



expansão da tecnologia digital e com a dominância das regras do mercado no universo da edição. Por seu turno, o artigo de Maria Gislene Carvalho Fonseca, intitulado “Cordel brasileiro: materialidades da voz e do corpo em performance”, discute como a oralidade na poesia de cordel implica uma textualidade em ação com definições abertas e múltiplas em relação aos diferentes suportes da comunicação.

A publicação dos artigos que compõem a segunda parte do dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais” se encerra com um texto que aborda o tempo presente: “Entre o fim do mundo e o amanhã: pensando a imaginação política antagonista no mercado editorial brasileiro após as eleições presidenciais de 2018”, de Carolina Falcão. Neste artigo a autora tematiza a existência de formas de resistência no contexto brasileiro após o pleito que elegeu, em 2018, Jair Bolsonaro como presidente do país e demonstra como o campo editorial se articula ao horizonte de antagonismo político.

O edital que deu origem ao dossiê agora publicado pela revista *Animus* abordava a necessidade de se pensar sobre processos editoriais contemporâneos e seus circuitos comunicativos reafirmando “a necessidade em teorizar criticamente a produção, disseminação e circulação de textos em diversas culturas, territórios e mídias” em estudos que levem em conta “além da mediação social, econômica, política e cultural, os processos de mediação técnica e procedimentos específicos da edição”. Com a publicação destes 16 artigos que compõem o dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais” acreditamos poder afirmar que apresentamos um esboço de nossa proposta inicial.

O dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais” compõem-se por 16 artigos elaborados por 23 autores [sete artigos foram escritos em coautoria por dois pesquisadores]. Todos os artigos envolvem pelo menos um autor com doutorado como titulação acadêmica mínima. Um artigo traduzido do francês e um autor brasileiro em processo de doutorado em uma instituição francesa.

O presente dossiê reúne trabalhos de docentes e pesquisadores de diversas universidades federais brasileiras: Universidade Federal de Minas Gerais, de Brasília, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, de Santa Maria, de Ouro Preto, de Pernambuco e Federal Fluminense. Há também trabalhos de docentes de instituições particulares: Escola Superior de Propaganda e Marketing; Universidade Metodista de São Paulo; Universidade Paulista;





Universidade Estácio de Sá e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Contamos também, neste dossiê, com a presença de trabalhos de pesquisa de autores vinculados a outras instituições e centros técnicos federais como Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e Museu Goeldi. Observe-se que temos neste dossiê trabalhos, sobre o tema da produção editorial contemporânea, realizados por pesquisadores de todas as regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALASSO, Roberto **A marca do editor**. Tradução: Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Ayiné, 2020.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo C. Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

DARNTON, Robert. “O que é a história do livro?” In: **O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

DARNTON, Robert. “O que é a história do livro?” In : **A questão dos livros**. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FARIA, Maria Isabel e PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

